

APRESENTAÇÃO

DISCURSOS QUE INTERROGAM: EFEITOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE LINGUÍSTICA E POÉTICA

Daiane Neumann¹Luiza Milano²

(orgs.)

Devido ao ideal de cientificidade predominante no ambiente acadêmico, em especial na primeira metade do século XX, o desenvolvimento da linguística deu-se a partir de cisões cada vez mais precisas que operaram com recortes, classificações e, por vezes, reduziram o potencial de diálogo e alcance de obras de pensadores exponenciais no campo da linguística.

É o que se observa quando se discute acerca do pensamento de Ferdinand de Saussure, considerado, por muitos, o fundador da linguística moderna. No entanto, as constantes descobertas de novas fontes manuscritas desde a década de 50 propulsionaram um retorno ao pensamento do linguista e, portanto, (re)leituras que buscam atentar para a diversidade de interesses do genebrino.

Considerando a especificidade deste dossiê que busca instigar uma aproximação entre língua e literatura, cumpre mencionar a obra organizada por Jean Starobinski, *As palavras sob as palavras*, publicada pelas edições Gallimard, na França, em 1971, e traduzida no Brasil em 1974, pela editora Perspectiva, que contém os manuscritos de Saussure acerca de sua pesquisa sobre os anagramas em poemas saturninos. Neste trabalho, Saussure não estaria se distanciando de sua reflexão acerca da linguística geral, estabelecida no *Curso de linguística geral*, publicado originalmente em 1916. O linguista estaria, conforme o aponta Dessons (2005), buscando uma outra forma de significar da língua, especificamente em textos literários. Essa reflexão figuraria, portanto, como “um motor para uma reflexão epistemológica sobre a linguagem” (DESSONS, 2005, p. 38). Essa é também a posição de Pierre-Yves Testenoire, autor que propõe uma discussão sobre filologia, linguística e poética a partir das análises e reflexões promovidas por

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, com período de doutorado-sanduíche na Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, sob a orientação de Gérard Dessons. Estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS e na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"-UNESP. Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, em cursos de graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras. Líder do grupo de pesquisa "Linguística, literatura e arte" do CNPq.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora e orientadora do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade.

Saussure nos estudos sobre os anagramas. Em 2013, Testenoire organiza a publicação dos *Anagrammes homériques* (SAUSSURE, 2013), documento que reúne um grande corpus de textos inéditos pertencentes a 24 cadernos (dos mais de 100) de Ferdinand de Saussure sobre os anagramas em poemas homéricos. Esse é igualmente seu tema de trabalho em tese publicada no mesmo ano (TESTENOIRE, 2013).

A reflexão tomando como base a pesquisa sobre os anagramas em Saussure, conforme observa Dessons (2005), antecipa em muitos anos a proposta de Roman Jakobson, em “Closing statements: Linguistics and poetics”, publicado em 1960³, em que o linguista denuncia como “flagrantes anacronismos” tanto os linguistas surdos à função poética da linguagem, quanto os especialistas da literatura indiferentes aos problemas e que ignoram os métodos linguístico. Antecipa, da mesma forma, a preocupação demonstrada por Émile Benveniste em entrevista a Guy Damur para *Le Nouvel Observateur*, em 1968, que, ao ser perguntado sobre se a linguagem poética interessa à linguística, responde: “imensamente”.

Roman Jakobson, ao discutir acerca de linguística e poética, no texto anteriormente citado, afirma que:

quando, em 1919, o Círculo Linguístico de Moscou discutia como definir e delimitar o campo dos *epitheta ornantia*, o poeta Maiakovski [os] censurou dizendo que, para ele, qualquer adjetivo, desde que estivesse no domínio da poesia, se tornava por isso mesmo, um epíteto poético [...]. Por outras palavras, a ‘poeticidade’ não consiste em acrescentar ao discurso ornamentos; implica, antes uma total reavaliação do discurso e de todos os seus componentes, quaisquer que sejam. (JAKOBSON, 1995, p. 161)

Percebe-se, nessa passagem, que a inquietação de Jakobson em torno dessa articulação o leva ao reconhecimento de que a linguagem poética não estaria restrita aos textos literários propriamente ditos, mas se estenderia à linguagem como um todo. Essa cisão, por muitas vezes tão “bem” estabelecida pelos estudiosos desses dois campos, vai se tornando nebulosa e suscita muito mais interrogações do que apresenta respostas.

Benveniste, conforme já observou Vier (2016), igualmente demonstra interesse pela literatura em diversos momentos de seu pensamento. A presença da análise do literário em sua obra é constante tanto nas coletâneas *Problemas de linguística geral I* (1966) e *II* (1974), quanto no *Vocabulário das instituições indo-europeias* (1969) e nas *Últimas aulas no Collège de France* (1968-1969), publicado em 2012. A autora relembra ainda da publicação de alguns textos do linguista, especificamente tratando de literatura, tais como: *O texto Draxt Asürik e a versificação pehlevi* na *Journal Asiatique* (1930), *A água viril* (1945), *La légende de Kombabos* (1939), *La légende des Danaïdes* (1949) e *Hymnes manichéens* (1937).

Contudo, é com a publicação dos manuscritos intitulados *Baudelaire*, por Chloé Laplantine, via sua tese em 2008, e mais tarde via editora Lambert-Lucas, em 2011, que o interesse de Benveniste pela linguagem poética se consolida. Neste conjunto de manuscritos, Benveniste busca compreender o funcionamento do que denomina em determinado momento

³ Texto traduzido para o português com o título de “Linguística e poética”, publicado em: JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

como a “língua de Baudelaire”. É de seu interesse compreender como se dá o funcionamento da linguagem poética, tomando como base a obra *Flores do mal* de Baudelaire.

Conforme o nota Brait (2017), embora se busque com afinco o conceito de linguagem do Círculo de Bakhtin, construído pelo fôlego filosófico, literário e linguístico dos seus participantes, é preciso observar que os três expoentes da arquitetura bakhtiniana, Voloshinov, Medvedev e Bakhtin, “articulam sem alibi língua e literatura” (BRAIT, 2010, p. 27).

Para a autora (2017), a falta de conhecimento das obras literárias evocadas nos diferentes textos empobrece o conhecimento acerca dos conceitos que vão sendo construídos e do pensamento dialógico como um todo. Brait (2017) pontua ainda que, no pensamento do Círculo, a literatura figura como antecipadora das relações de língua, linguagem, vida, história, sociedade. Seria através do literário que muito da compreensão acerca da linguagem e das relações sociais adviria.

Considerando essa diversidade de interesses, dentro dos estudos da linguagem, acerca da relação entre língua e literatura, este dossiê busca propulsionar o diálogo entre linguística e poética, na medida em que o trabalho com o discurso poético figura como um interrogante ao linguista. É a partir de tal perspectiva que os textos aqui reunidos discutem possibilidades, limites e inquietações propiciadas por este diálogo. Apontamos, a seguir, o conjunto de textos que compõem a presente edição:

O texto “De Saussure a Benveniste: valor da língua, dos anagramas e do discurso”, de autoria de Camila Pilotto Figueiredo, busca explicitar como o princípio do valor, conjuntamente com o princípio da linearidade, se apresenta no *corpus* relativo aos estudos de linguística geral na pesquisa de Saussure acerca dos anagramas. Deste ponto em diante, a autora busca explicitar os desdobramentos de tais princípios nos estudos benvenistianos acerca da arte e da literatura, evidenciando que o valor também está presente na esfera discursiva, contendo aspectos que o aproximam da noção de valor desenvolvida por Saussure nos anagramas.

Em “*Les mots sous les mots* e o potencial criativo da linguagem”, Mélyny Dias da Silveira busca interrogar a pesquisa sobre os anagramas como estudo que promove um encontro entre linguística e poesia. Em um primeiro momento, a autora sinaliza a diversidade dos interesses aos quais Saussure se dedicou em sua trajetória acadêmica, dos quais fazem parte as investigações sobre o processo anagramático nos poemas da antiguidade clássica. Na segunda parte, o texto investe em uma aproximação entre as análises do poema *De rerum natura* e os conceitos de linearidade, relações sintagmáticas e associativas, arbitrário do signo linguístico e valor. Ao final, é proposta uma aproximação entre as descobertas de Saussure e as reflexões de Roman Jakobson.

Já o texto de Bianca Czarnobai De Jorge, intitulado “A tradução orientada pelo fônico: um olhar saussuriano para duas traduções de *Laranja Mecânica*”, busca atentar para a constatação de que em textos cuja orientação é de ordem fônica, como poemas, a reflexão sobre língua e linguagem se faz fundamental. Dessa forma, a autora, ao considerar que esse é o caso de *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess, propõe a análise de traduções dessa obra segundo conceitos saussurianos, tais como: língua, sistema, signo e valor; conceitos tomados como fundamentais para o estudo da tradução, em especial quando articulados e deslocados para as diferentes possibilidades de produção de sentido.

André Rodrigues da Silva e Daiane Neumann, em “Os princípios fundadores do pensamento benvenistiano e a abertura para análise na literatura”, buscam os princípios fundadores da teorização benvenistiana, especificamente a partir do estudo dos pronomes e da

subjetividade, com vistas a atentar para o fato de que a construção desses princípios teóricos potencializa a interface entre língua e literatura, para uma abertura de análise em obras literárias. Para fazê-lo, os autores partem de uma discussão acerca de língua e linguagem, mais especificamente na parte “O homem na língua”, de *Problemas de linguística geral I*, para, por fim, refletir acerca de como essa reflexão teórica foi explorada por diferentes pesquisas que buscam essa interface no contexto francês e no contexto brasileiro.

Em “Da recriação da semiologia: apontamentos sobre a atividade da linguagem poética”, Aroldo Garcia dos Anjos ensaia uma discussão teórica introdutória à noção de *atividade* sob a perspectiva da poética do ritmo. Para isso, o autor busca subsídios para a análise de textos literários sob o ponto de vista discursivo, sobretudo a partir de reflexões derivadas de Henri Meschonnic, Gérard Dessons, Chloé Laplantine e Hans Lössner. São revisitadas, ainda, considerações de Émile Benveniste, Ferdinand de Saussure e Wilhelm von Humboldt, por representarem uma base de discussão comum entre os autores citados.

Carolina Peres, em “Os efeitos da intersubjetividade e da alteridade para o processo de subjetivação em *The Witcher 3: Wild Hunt*”, reflete acerca da possibilidade de um espaço maior para a subjetivação nas narrativas interativas de jogos digitais. Para fazê-lo, parte da abordagem enunciativa de Émile Benveniste, com o objetivo de explorar a constituição do sujeito e de sua individualidade através das relações intersubjetivas/alteritárias, relacionando-as com as reflexões de Gérard Dessons, em *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Em seguida, é proposta a análise da experiência subjetiva do personagem Geralt de Rívia em *The Witcher 3: Wild Hunt*, a partir do estudo do dispositivo trinitário da língua (*eu, tu e ele*), com aporte de Dany-Robert Dufour em *Os mistérios da trindade*, identificando como acontece a interação do jogador com o linguístico e o modo como ele se apropria da linguagem para experienciar a narrativa e construir sua historicidade colocando-se como “eu” no discurso. Dessa forma, a pesquisa busca expor duas perspectivas distintas, uma pela ótica do design e outra pelo viés da linguística, para, considerando esse diálogo, refletir acerca do espaço enunciativo do jogador em jogos digitais.

Em “Vocalização do texto poético: uma experiência na linguagem”, Marlete Sandra Diedrich e Laércio Fernandes dos Santos abordam o tema da vocalização do texto poético a partir de uma proposta de *performance* poética em espaços escolares. A partir da análise de dizeres desse tipo de experiência, os autores analisam arranjos enunciativos decorrentes da vocalização, uma vez que perceberam, através da mobilização da voz dos participantes, novas significações se atualizando no discurso poético. O trabalho se pauta na abordagem enunciativa benvenistiana, e a concepção poética assumida se volta para os arranjos singulares e inusitados da língua-discurso.

Luiza Milano e Gibran Ayub, em “A voz do leitor: algumas reflexões sobre o que se escuta quando se lê em voz alta”, se questionam sobre o lugar que ocupa a voz na atividade de leitura em voz alta compartilhada de textos literários. Em seu artigo, os autores lidam com reflexões em torno dos conceitos de voz e de leitura, para destacar questões relevantes acerca da implicação desses conceitos em atividades de leitura em voz alta compartilhada. Nos desdobramentos de suas reflexões, apontam que tal atividade pode propiciar aos leitores outras possibilidades de perceber a literatura, bem como a própria posição enquanto leitor, quando em parceria de outros leitores.

Em “O grande-sertão sob os efeitos do ouvido”, Aline Vagas Stawinski e Augusto Stevanim apresentam e discutem o alcance da noção de escuta desde o diálogo entre a linguística e a literatura, passando também pela filosofia. O ponto de partida dos autores é a consideração do aspecto fônico da língua no texto de Guimarães Rosa, espaço desde o qual

refletem acerca das “escritas de ouvido”. No decorrer de seu ensaio, Stawinski e Stevanim buscam uma aproximação entre ler e escutar, questão teórica vislumbrada na experiência de leitura em voz alta do romance rosiano.

João Augusto Reich da Silva e Patrícia da Silva Valério, no texto “O cronotopo do bosque em *Into the woods*, de James Lapine e Stepehn Sondheim”, analisam o tempo-espaço do bosque na narrativa do musical *Into the woods*, de James Lapine e Stephen Sondheim (2014), tomando como base o conceito de cronotopo, desenvolvido pelo teórico russo Mikhail Bakhtin]. Conforme pontuam os pesquisadores, em seu enredo próximo ao conto de fadas do tipo artístico, a peça estabelece relações dialógicas também com contos de fadas populares e atualiza os sentidos da jornada de cada personagem por meio de motivos e elementos essencialmente cronotópicos. O cronotopo do bosque, de acordo com esta análise, atua como fio-condutor do musical, servindo de base para os acontecimentos do enredo e reunindo as jornadas de diferentes personagens em um quadro espaçotemporal comum.

Referências

- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes Editora, 2005.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editora, 2006.
- BENVENISTE, É. *Baudelaire*. France: Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.
- BRAIT, B. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2017.
- DESSONS, G. Du discursif. In: *Linguistique et poétique du discours à partir de Saussure*, revue *Langages*, n° 159, sept. 2005.
- JAKOBSON, R. *Lingüística e poética*. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- LAPLANTINE, C. *Émile Benveniste: poétique de la théorie*. Publications e transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire. Tese (Doutorado). Ecole Doctorale Pratiques et théories du sens. Université Paris 8. Saint-Denis. 2008.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- SAUSSURE, F. de. *Anagrammes homériques, présentés et édités par Pierre-Yves Testenoire*. Limoges: Lambert-Lucas, 2013.
- STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras – os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1974.
- TESTENOIRE, P.Y. *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes*. Limoges: Lambert-Lucas, 2013.
- VIER, S. *Émile Benveniste e a Literatura*. ReVel. Edição especial n. 11, 2016.